



A ARTE DE EDUCAR

Em homenagem ao Dia dos Professores, três educadores mostram trabalhos que fazem diferença nas escolas da Maré. PÁGINAS 5 E 6.

GABI LINO



DOUGLAS LOPES



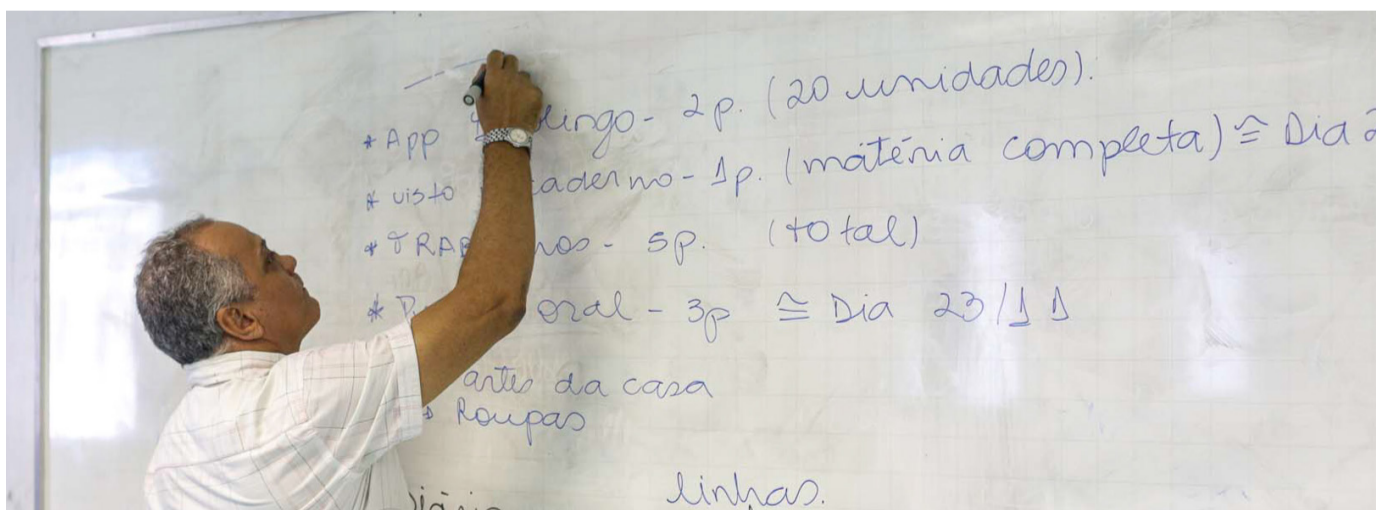
Após cinco anos, segunda edição do festival promete ser ainda maior - PÁGINAS 3 E 4.



KAMILA CAMILLO



Crianças da Maré encaram como sonho aquilo que deveriam ter por direito - PÁGINAS 7 E 8.



GABI LINO



Time da Vila do João segue firme no maior campeonato entre favelas do mundo - PÁGINA 10.

CRIS | EXPOSIÇÃO DO ACERVO DO IMA-GENS DO POVO FALA SOBRE CRIANÇAS E OCUPA A GALERIA 537 NA MARÉ. PÁGINA 9.

PRAIA DE RAMOS, UMA HISTÓRIA ANTES DO PISCINÃO | FAVELA CRESCERAM EM TORNO DAS ÁGUAS DA BAÍA DE GUANABARA PÁGINA 11.

EDITORIAL

Celebrar datas comemorativas, religiosas, festivais ou simples aniversários marca o tempo individual e coletivo e nos ajudam a refletir sobre onde estamos e para onde estamos indo.

Celebrar os professores nesta edição era imprescindível e fazer isso revendo a trajetória de pessoas que formam gerações de mães, com suas vitórias e desafios.

A Maré tem cerca de 1.100 educadores só nas escolas públicas. Segundo o Censo Escolar 2022, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o Brasil tem mais de 2,3 milhões de professores que exercem a profissão na educação básica. A maioria são mulheres: 79,2% do total de docentes.

Por isso também era imprescindível celebrar um festival de mulheres do mundo que estão mudando o mundo. Um mundo tão grande quanto a sua comunidade, sua sala de aula, ou mundos que atravessam quatro continentes.

A edição 153 celebra as crianças e seus sonhos possíveis. Celebra os meninos e meninas que carregam no peito o nome da sua favela, e os homens que querem paz.

CHARGE - NANDO MOTTA



EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da **maré**

MARÉ
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.mareonline.com.br
maredenoticias@gmail.com
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré

EDITORA EXECUTIVA E
JORNALISTA RESPONSÁVEL
Jéssica Pires

EDITORA
Ana Paula Lisboa

FOTOGRAFIA
Affonso Dalua
Gabi lino
Douglas Lopes
José Bismarck
Kamila Camillo

COLABORARAM NESTA
EDIÇÃO

Adriana Pavlova
Andreza Paulo
Hélio Euclides Mtb 29919/RJ
Teresa Santos

REVISÃO
Julia Marinho

PROJETO GRÁFICO
Affonso Dalua

DIAGRAMAÇÃO
Affonso Dalua

IMPRESSÃO
Gráfica Tribuna

TIRAGEM
50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO
REPRESENTAM A OPINIÃO
DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO
DOS TEXTOS, DESDE QUE
CITADA A FONTE.

**MARÉ
DE
DIREITOS**

**Atendimento
gratuito
com advogadas,
psicólogas e
assistentes sociais**

Você também pode ter
acesso ao atendimento do
Maré de Direitos online,
pelo nosso WhatsApp.

redes da **maré**

Vila dos Pinheiros:
Quintas-feiras, de 13h às 17h

Redes da Maré Pinheiro
Via A1 s/nº - anexo do CIEP Ministro
Gustavo Capanema

Nova Maré:
Quintas-feiras, de 9h às 12h

Lona Cultural Municipal Herbert
Vianna - Rua Evanildo Alves, s/nº

Nova Holanda:
Sextas-feiras, de 9h às 13h

Redes da Maré Nova Holanda
Rua Sargento Silva Nunes, 1012

Parque União:
Sábados, de 9h às 13h

Casa das Mulheres da Maré
[apenas para mulheres]
Rua da Paz, 42

(21) 99924-6462

www.redesdamare.org.br

GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é distribuído mensalmente nas 16 favelas da Maré. Também é possível garantir um exemplar do jornal nos equipamentos da Redes da Maré, associações de moradores, unidades de saúde e educação.

Se por acaso não encontrar, entre em contato conosco via WhatsApp: (21) 97271-9410.

Acesse também todo esse conteúdo em nossas redes sociais @maredenoticias e no site www.mareonline.com.br

ACOMPANHE O MARÉ DE NOTÍCIAS NA INTERNET!



FAVELA
CHAMPIONS

CAMPEONATO JUVENIL DE ARTES
MARCIAIS RIO DE JANEIRO

29 DE OUTUBRO DE 2023

LUTA PELA PAZ

DOUGLAS LOPES



O Festival Mulheres do Mundo - WOW acontece de 27 a 29 de outubro na Praça Mauá com diversas mulheres do território e curadoria da Redes da Maré

FESTIVAL WOW MULHERES DO MUNDO

Após cinco anos, segunda edição presencial do festival promete ser ainda maior

ANDREZZA PAULO

A segunda edição do Festival WOW Mulheres do Mundo está chegando para reunir e celebrar meninas e mulheres em toda sua diversidade e com suas perspectivas de mundo. O WOW acontece de 27 a 29 de outubro na Praça Mauá, com curadoria da Redes da Maré

Com o olhar coletivo, o festival global idealizado pela Fundação WOW propõe trocas de experiências e compartilhamento de soluções para os desafios do que é ser mulher. O evento valoriza a cultura, a arte, os saberes ancestrais e todo conhecimento feminino.

O WOW Mulheres do Mundo nasceu em Londres, em 2010, e desde então se espalhou por 23 países em quatro continentes. **Eliana Sousa Silva**, fundadora e diretora

da Redes da Maré, é também curadora do festival. Ela explica que o evento tem a perspectiva de entender os desafios das mulheres, sobretudo as periféricas, e refletir sobre a diversidade delas e o acesso a seus direitos.

AMADURECIMENTO

Eliana conta quais são as principais diferenças entre esta edição e a de 2018 (a de 2020 foi virtual, por causa da pandemia de covid-19, e por isso é considerada “extraordinária”):



“Amadurecemos e aprofundamos as pesquisas sobre mulheres que muitas vezes não são vistas e que fazem trabalhos incríveis em muitas partes do Brasil e do próprio Rio de Janeiro. Vamos trazer as ques-

DOUGLAS LOPES



O festival celebra meninas e mulheres com sua diversidade e visões de mundo

tões que realmente afetam a vida das mulheres”, diz.

Segundo ela, “desde a edição de 2018 a gente vem conseguindo entender melhor como estabelecer a apresentação dessa mensagem de celebrar, fortalecer e trocar experiências de maneira mais singular e delicada”.

Com mais de 40 horas de programação e expectativa de público de mais de cem mil pessoas, a edição de 2023 já promete ser a maior da história. Serão mais de 500 convidadas e 200 atividades ao longo dos três dias de evento.

Uma das novidades é a presença de pelo menos 250 empreendedoras na Feira de Negócios Delas. “A gente espera conseguir, de fato, envolver o maior número de pessoas que trabalham conosco e com projetos voltados para o direito das mulheres. Esperamos que este seja principalmente um

espaço em que as pessoas reconheçam a si mesmas e aos seus territórios, e que seja referência de temas e interesses comuns daquilo que precisamos trabalhar”, conta **Eliana**.

MULHERES DA MARÉ

A Maré e suas mulheres aparecem de maneira efetiva no evento, tanto no âmbito dos negócios, das mesas e rodas de conversa, das apresentações artísticas, como na produção e mediação. Essa presença é fundamental para que as representações estejam, de fato, expostas em cada parte do WOW mulheres do Mundo.

Sãos mais de 50 marenenses envolvidas com o festival e **Eliana** reforça a importância das mulheres de periferia no evento.

“É fundamental que tanto a Maré como outras favelas do Rio de Janeiro se identifiquem com os temas propostos. Que

DOUGLAS LOPES



A primeira edição do festival, em 2018, foi a primeira da América Latina



DOUGLAS LOPES

Custódio; a fotógrafa e ativista Kamila Kamillo; a ambientalista Lorena Froes; Kelly Santos, que debate as masculinidades; Rayanne Soares e Viviane Carmen, do Luta Pela Paz; Zanza Calixto, do Conselho Tutelar; a assistente social Amanda Mendonça; Priscila Monteiro, do Casulo; Simone Alves, do Mulheres ao Vento; e Lilian Leonel, do Espaço Normal.

Além dos debates e dos desafios para garantir os direitos das mulheres em sua plenitude, o festival conta com atrações artísticas como Bia Ferreira, Melly, Mc Carol, Deize Tigrone, Lia Rodrigues Cia de Dança e o espetáculo Noite das Estrelas que parou a Maré nos meses de junho e julho relembrando as apresentações LGBT que aconteciam no território nas décadas de 1980 e 1990.

LEGADO

Eliana revela que o festival espera deixar um legado de uma grande rede de pessoas que estão trabalhando e inventando todos os dias modos de enfrentar a desigualdade dos direitos das mulheres, além de reconhecer a questão de gênero.

Ela acredita que é preciso “avançar, fugir do binário para construir outras formas de direitos e reconhecer que as pessoas podem ser o que quiserem. Precisamos criar relações mais humanas e respeitadas”.

Eliana espera “que em cada edição do festival a gente contribua para o legado de um mundo que possa ser construído todos os dias e por todos nós, se estivermos abertos a acolher as pessoas do jeito que elas são”.

Você encontra a programação completa no perfil do festival no Instagram (@festivalwovrio) e no site <https://www.festivalmulheresdomundo.com.br>

Edição 2023 traz mais de 500 convidadas e 200 atividades ao longo dos três dias

as mulheres que estão na Feira de Negócios Delas — na verdade, todas nós — possam se ver refletidas em todo processo de inclusão produtiva; na produção artística, cultural e também no ativismo, nas campanhas e nas lutas das mulheres”, diz.

mão, da Casa Resistência; e a educadora social Rafaela Carvalho; a artista Arcasi; Juliana Marques, do Mulheres Negras Decidem; e Gilmaria Cunha, do Conexão G.

Também confirmaram presença a economista Thais

MARÉ PRESENTE

Entre as mareenses confirmadas no festival estão a Ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco; Dyana Gus-

Southbank Centre's

WOW

FESTIVAL MULHERES DO MUNDO

RIO DE JANEIRO



DOUGLAS LOPES



Verônica da Silva dos Santos é considerada um patrimônio da escola Escola Municipal IV Centenário, onde trabalha há 37 anos

A ARTE DE EDUCAR

Em homenagem ao Dia dos Professores, três educadores mostram trabalhos que fazem diferença nas escolas da Maré

**ADRIANA PAVLOVA E
HÉLIO EUCLIDES**

Nas 50 escolas públicas da Maré, há cerca de 1.100 educadores que trabalham duro para que diferentes gerações tenham garantido o direito à educação. Muitos deles são moradores ou ex-moradores, que reafirmam em sala de aula seu amor pela Maré. Em homenagem ao Dia do Mestre, o Maré de Notícias traz o perfil de três professores que fazem muita diferença nas nossas favelas.

SER LIVRE

Com seu sorriso largo e gingado de capoeirista, o professor **Lucas Henrique Ferreira**, de 29 anos, caminha pelos corredores da Escola Municipal Olimpíadas Rio 2016, no Campus Maré I, arrancando sorrisos e cumprimentos dos alunos e alunas que passam. E não é para menos: Cria da Maré, ele engrossou o time de educação física em 2021, tra-

zendo para as salas de aula a pedagogia do corpo, usada como agente de transformação.

“A escola me encanta porque é um espaço de disputa de narrativas e também desenvolvimento do potencial dos adolescentes. O corpo é objeto do meu trabalho, por isso uso a brincadeira para engajar os alunos e despertar interesse pelo conteúdo em si. A ideia é eles se conhecerem para terem a liberdade de ser quem quiserem ser”.

O currículo de educação física da escola conta hoje com amostras das culturas corporais africanas e indígenas, como capoeira, maculelê, jongo e a luta ritual dos jovens indígenas huka-huka.

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Ele conta que o objetivo é oferecer ferramentas para a autonomia dos alunos, reafirmando a Maré como território de luta. Lucas diz ainda que a

inspiração vem das brincadeiras de sua infância na Nova Holanda e dos ensinamentos da capoeira, praticada desde os 10 anos na Vila Olímpica da Maré: “A capoeira me moldou como homem negro e profissional da educação.”

Da prática, Lucas chega à teoria, levando para as salas e quadras questões ligadas ao racismo, à intolerância religiosa e à decolonialidade, temas do seu mestrado em Educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ): educação antirracista na dimensão do corpo.

Primeiro da família a se graduar, ele reconhece que sua trajetória está ligada ao encontro com mestres. Não à toa, Lucas jamais teve alguma dúvida em se tornar professor e trabalhar na Maré.

“A escola me formou e a capoeira me ensinou a fazer perguntas. Meus professores acreditaram em mim, me ajudaram a pensar grande”,

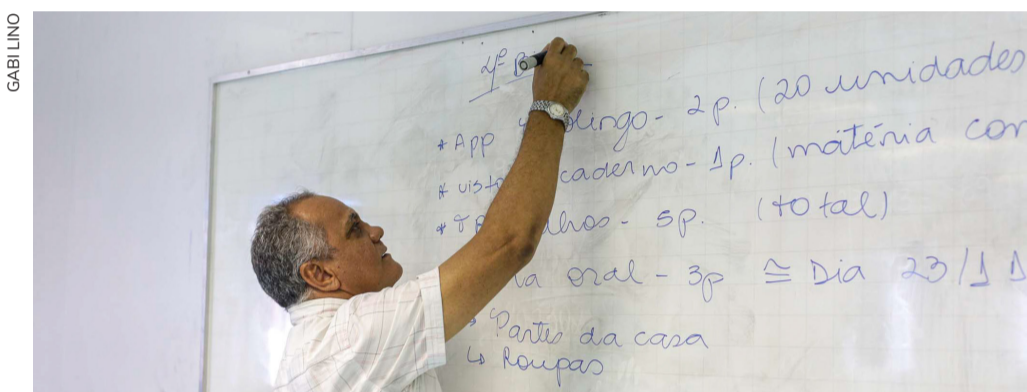
diz ele, que foi aluno do CIEP Samora Machel, passou pelo pré-vestibular da Redes da Maré e se graduou na Escola de Educação Física da UFRJ.

GUARDIÃ DA MAGIA

A escola na Baixa do Sapateiro tem apenas oito turmas, e tudo ali parece funcionar como se deve: a sala repleta de estantes de livros e cartazes com desenhos de crianças, na Escola Municipal IV Centenário, é um oásis dentro de outro oásis.

É na sala de leitura com o nome da professora **Verônica da Silva dos Santos** que se abre um portal para a imaginação para quem a frequenta. Guardiã do espaço mágico de aprendizagem há 27 anos, a mestra que dá nome ao lugar parece saída de um conto de fadas: fala doce, gestos delicados e um eterno olhar apaixonado por seu ofício.

Verônica é um patrimônio da escola, onde chegou há



37 anos. Ela já se aposentou como professora em umas das matrículas, e pretende ficar mais um ano antes de se despedir de vez.

Já perdeu as contas de quantos alunos foram incentivados por ela a descobrir novos mundos: “Espero que cada um viva um momento lúdico, que aqui eles desliguem o botãozinho da realidade, consigam entrar nos personagens ou descobrir a melodia da poesia.”

ALDEIAS AFRICANAS

Além das rodas de leitura, a professora também lança mão das artes visuais e do teatro na rotina da biblioteca. Os cartazes produzidos em abundância fazem parte do piquenique que encerra cada bimestre, com encenação e declamação de trechos de livros. Este ano, os alunos já trabalharam poemas de Cecília Meireles e Contos africanos compilados por Rogério Andrade Barbosa.

“Gosto de evocar a figura do contador de histórias das aldeias africanas. Todo mun-

do se sentava em volta de uma fogueira para ouvir histórias. Peço para as crianças imaginarem o céu estrelado, a fogueira e aí começamos a ler”, conta.

Com 59 anos, Verônica nasceu na Maré; quando criança, viveu numa palafita com os pais nordestinos e dois irmãos. Apesar das dificuldades, a família sempre valorizou a educação dos filhos, apreço que Verônica transmite aos estudantes: “A educação modificou a minha vida. E é isso que sigo buscando com meus alunos.”

MESTRE DE GERAÇÕES

Geraldo Martins, de 59 anos, é professor de português e literatura na Escola Estadual Professor João Borges de Moraes, na Nova Holanda. Nascido na Paraíba, em 1968 veio para o Rio. Seu primeiro endereço foi na favela Macedo Sobrinho; dois anos depois, sua família seria removida para a Nova Holanda.

Ex-aluno da Escola Municipal Nova Holanda, em 1983, Geraldo passou a colaborar

com o posto comunitário de saúde da região. A vocação para mestre surgiu no trabalho da associação de moradores (no período histórico da Chapa Rosa), participando da creche comunitária e da Cooperativa Mista dos Moradores da Nova Holanda.

Ele também trabalhou como office boy na Rio Vivenda, construtora das casas da Vila dos Pinheiros e do Conjunto Pinheiros.

VOCAÇÃO

“Sou técnico em contabilidade, mas depois de trabalhar com crianças vi que queria ser professor. Fiz um curso de complemento pedagógico e trabalhei na pré-escola e alfabetização por dez anos”, conta Geraldo.

Em 1995, concluiu a Faculdade de Letras. Em 2003, deixou de morar na Maré, mas em 2009 fez o concurso para professor estadual, assumindo a vaga cinco anos depois.

“Primeiro fui lecionar em Saracuruna, mas em 2017 o diretor Marcelo Belford me chamou para a Maré. Sempre quis voltar para meu lugar de origem. Eu me sinto satisfeito em contribuir com a Nova Holanda: é uma troca de conhecimento”, diz.

Para os alunos que pretendem seguir na profissão, ele deixa um recado: “O país não pensa na educação nem valoriza os professores através de melhores condições de trabalho e de salários, mas é muito interessante ser testemunha

das mudanças do mundo que nos cerca.”

Geraldo diz que se emociona “ao lecionar para as crianças de uma família, crianças que foram meus alunos da creche e que hoje são adultos, cujos filhos e sobrinhos estão na minha sala de aula. Essa é a nossa gratificação”.

Propostas da Carta para a Educação da Maré, construída de forma colaborativa durante o 4º Seminário de Educação da Maré: Diálogos e possibilidades para garantia do direito à educação, realizado no Centro de Artes da Maré nos dias 14 e 15 de junho deste ano.

- Formação continuada de professores, com dispensa de ponto.
- Debates nos cursos de licenciatura sobre o currículo de formação de professores e revisão curricular, considerando a realidade das favelas e periferias.
- Criação de espaços de formação sobre a Maré e suas histórias.
- Revisão de carga horária e planos de cargos e salários, considerando a formação continuada e o bem-estar geral de quem é obrigado a trabalhar em mais de uma função para ter uma vida digna.
- Formação de professores para uso de tecnologia.



Nas 50 escolas públicas da Maré, há cerca de 1.100 educadores

PELO DIREITO DE SONHAR

AFFONSO DALUA



Crianças da Maré encaram como sonho aquilo que deveriam ter por direito

ANDREZZA PAULO E TERESA SANTOS

De acordo com o Censo Maré (2019), 24,5% dos moradores têm até 14 anos e destes, 11% estão na primeira infância. São mais de 34 mil crianças que vivem no território.

Mas a que infância nos referimos, sabendo que o contexto territorial impacta diretamente na vida de meninos e meninas? Quais os sonhos que permeiam o dia a dia dos pequenos moradores da Maré?

Neste mês da criança, conversamos com um grupo da localidade do Tijolinho e da Nova Maré e, na busca por essas respostas, percebemos que os sonhos são, na verdade, pedidos pela garantia de direitos: ao lazer, à moradia, à saúde, a uma sala de aula refrigerada, à educação de qualidade, à segurança alimentar

e ao saneamento básico.

Os desejos das crianças mareenses mostram que elas estão, de fato, atentas ao que lhes é devido pelo Estado, pensando em formas de melhorar a qualidade de vida não somente delas como também de toda a sociedade.

SANEAMENTO E LAZER

“Queria ser modelo, aparecer na televisão. Se eu pudesse, limpava as ruas e colocava mais natureza na favela.” **Jamilly, 8 anos**

O lixo nas ruas não é um incômodo apenas para a menina. Segundo o Censo Maré, 26,4% dos moradores não têm coleta de lixo na porta de casa e precisam levá-lo a pontos de recolhimento específicos. Mais de 900 casas não usam o serviço de coleta: isso significa que o lixo dessas residências é lançado em terre-

nos baldios, vias públicas, valões ou canais do território.

Segundo a bióloga **Adriana Sotero**, pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/Fiocruz), a falta de saneamento é muito marcante em territórios de favela. Isso se evidencia, por exemplo, no esgoto a céu aberto, na falta de abastecimento regular de água potável e, ainda, no recolhimento precário do lixo.

Adriana aponta que caçambas muito cheias, transbordando lixo, são um dos indicativos de que a coleta é insuficiente: “Muitas vezes, o lixo ele não é recolhido com a velocidade com que aquela população precisa.”

“Quero ser jogador de futebol, eu amo muito jogar futebol. Queria mudar as calçadas

e as ruas pra não passar carro e moto quando eu jogo bola. Não quero dar prejuízo. Queria que tivesse mais quadras de futebol.” **Rafael, 9 anos**

A falta de saneamento impacta a saúde das pessoas de diferentes formas. Segundo a pesquisadora, brincar, por exemplo, em um solo onde passa esgoto pode favorecer o surgimento das chamadas zoonoses, isto é, doenças que são transmitidas entre animais e pessoas, e também de verminoses.

A leptospirose, por exemplo, é uma doença infecciosa causada pela exposição à urina de animais, principalmente ratos, infectados por uma bactéria chamada leptospira.

Segundo dados do Observatório Epidemiológico da Cidade do Rio de Janeiro (EpiRio), em 2022 o município do Rio de Janeiro registrou 72 ca-



Espaços de lazer, prática de esportes e brincadeiras são demandas das crianças

sos de leptospirose. A Área de Planejamento 3.1, na qual os territórios da Maré estão inseridos, foi uma das que mais registrou casos em todo o município: 13 no total.

ASSISTÊNCIA MÉDICA

“Quero muitas coisas, mas quero muito ser médica para cuidar das pessoas que estão passando mal. Um monte de gente por aqui passa mal, só tinha médico na clínica da família, mas não adianta nada. Eu também pintaria os muros das casas e melhoraria a rua.” **Eloá, 10 anos**

Se, por um lado, o comprometimento da saúde ambiental favorece o surgimento de agravos, a falta de assistência torna a situação ainda mais preocupante. A carência de profissionais de saúde apontada pela pequena Eloá a realidade diária na Maré.

Segundo Adriana Sotero, “falta, na verdade, assistência médica” e é a violência uma das causas que dificulta a expansão dos serviços de saúde nas favelas. Devido às frequentes operações e conflitos armados, muitos profissionais preferem buscar outras regiões para trabalhar.

Atualmente, a Maré conta com 11 unidades de saúde pública, sendo uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), quatro Clínicas da Família (CF), três Centros Municipais de Saúde (CMS), um Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS II), um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil II (CAPSi II) e um Centro de

Atenção Psicossocial Álcool e Outras Drogas III (CAPSad III).

Esses equipamentos são a principal forma de acesso a cuidados em saúde dos cerca de 140 mil mareenses. Segundo o Censo Maré, 87,7% dos moradores não têm cobertura privada e dependem do Sistema Único de Saúde (SUS).

CUIDADO E EDUCAÇÃO

“Meu sonho é ser pai. Queria trabalhar, ganhar dinheiro pra comprar coisas pra comer.” **João Pedro, 5 anos**

Os desafios são muitos, mas, para a pesquisadora da Fiocruz, é possível modificar

essa realidade. A mudança passa não só pela formulação de políticas públicas, como também pela sociedade.

Na Maré, encontram-se grupos, coletivos e organizações que lutam pela melhoria da qualidade de vida nas 16 favelas: “São grupos que tentam defender e debater a importância do saneamento nessas áreas, e lutam pela preservação das áreas verdes, entre outras pautas.”

“Quero ser jogador de Free Fire, um gamer. Quero trabalhar, comprar uma casa pra minha mãe e mudar as salas de aula da escola. Tem muito ventilador enferrujado e às vezes acaba o material.” **Miguel, 10 anos**

Uma conquista importante que repercutiu através da Redes da Maré foi a elaboração das cartas pelas crianças relatando a violência das operações policiais no território.

Em 2019, mais de 1.500 cartas foram enviadas para o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro (TJ-RJ) junto com uma petição para que a Ação Civil Pública da Maré fosse restabelecida. Diante do apelo, a ação judicial foi revalidada, assim como os parâmetros

mínimos para a ocorrência das operações policiais nas 16 favelas do território.

PERFIL DO FUTURO

A Redes da Maré lançou no dia 27 de setembro a pesquisa *Primeira infância nas favelas da Maré — Acesso direitos práticas de cuidado*. O diagnóstico inédito é resultado de uma pesquisa apoiada pela organização Porticus e teve como objetivo principal produzir conhecimento sobre as condições de vida e o perfil das crianças de 0 a 6 anos residentes nas comunidades da Maré.

O estudo traz informações estratégicas para a construção de políticas públicas e ações efetivas em prol dos direitos das crianças, e que impactam diretamente no desenvolvimento do território.

A publicação está disponível em www.redesdamare.org ou no QR code abaixo.



Estudo inédito pesquisou as condições de vida o perfil das crianças moradoras da Maré

EXPOSIÇÃO CRIA CHEGA NA GALERIA 535

ERIKA TAMBKE, MONARA BARRETO, RATÃO DINIZ E VITÓRIA CORRÊIA

Crias são aqueles que têm raízes profundas em um determinado lugar, que nasceram, cresceram e testemunharam as mudanças e evoluções desse ambiente ao longo do tempo. Ser cria envolve mais do que ape-

nas habitar um espaço físico; também abrange um senso de pertencimento, identidade e familiaridade com a cultura, as pessoas e as tradições que constituem a comunidade. As fotografias aqui expostas foram realizadas por fotógra-

fas e fotógrafos do Acervo Imagens do Povo e revelam as crianças como mestres da improvisação, transformando os objetos mais simples em brinquedos imaginativos. Nestes meses de celebração das crianças convidamos você

a contemplar não apenas as imagens, mas também as vivências dos crias e os territórios onde habitam cada um.

A exposição está aberta à visitação de segunda a sexta de 10h às 18h na Galeria 535: Rua Teixeira Ribeiro 535. As visitas mediadas acontecem às terças-feiras (10h e 11h) e às sextas-feiras (14h e 15h) e podem ser marcadas de através do email: imagensdopovo@observatoriodefavelas.org.br.



ARQUIVO DO TIME



O treinador Rogério da Costa sonha com um campeonato sub-17 na Maré, incluindo os jovens das 16 favelas do território pelo esporte e pela paz

MARÉ BRILHA NA TAÇA DAS FAVELAS

Time da Vila do João segue firme no maior campeonato entre favelas do mundo

HÉLIO EUCLIDES

A Taça das Favelas, campeonato de futebol idealizado pela Central Única das Favelas (CUFA), chegou este ano à sua 13ª edição, e os 22 jovens jogadores do time da Vila do João seguem como os únicos da Maré no torneio, com chance de chegar à final. É a primeira vez que a equipe participa deste campeonato.

Este ano, um dos diferenciais da Taça das Favelas é a organização em chaves, com a possibilidade de cada equipe jogar pelo menos três partidas. Nos anos anteriores, o “mata-mata” podia eliminar um time já no primeiro jogo.

Para os participantes, o torneio é uma oportunidade para conhecer outros jovens jogadores,

ser visto por olheiros de times profissionais e chegar ao certame nacional, representando o Rio de Janeiro. Acima de tudo, o torneio gera a valorização dos territórios de favelas.

PORTAS ABERTAS

“Estamos empolgados em ter a chance de chegar a uma final. O futebol pode ser a oportunidade única para um menino”, diz o coordenador da equipe da Vila do João, **Evanдро de Menezes**. Segundo ele, é necessário mais portas abertas para as crianças e jovens de favelas.

“A Vila Olímpica da Maré tinha que ter uma pista de atletismo para mais oportunidades no esporte. Não queremos formar só atletas, e sim

inserirmos, através do esporte, o respeito e a cidadania. O esporte também significa saúde”, diz ele.

Os treinos da equipe acontecem no campo do Romarinho, na Vila Olímpica, e no campo da Toca, na Vila dos Pinheiros.

ORGANIZAÇÃO

Outro diferencial da competição em 2023 é a abertura pela primeira vez da Série B, o que deu espaço para mais times participarem: ao todo, são 52. Na Série A, a Taça das Favelas selecionou 96 times na categoria masculina e 34 times no feminino, com jovens de 15 a 17 anos.

As equipes masculinas foram divididas em 24 grupos com quatro times cada um. Passam para a fase eliminatória 32 times; os líderes de cada grupo, e mais os oito com melhor pontuação no segundo lugar. O campeonato começou em 15 de julho e vai até o dia 19 de novembro: a final será jogada na Cufa Arena, em Realengo.

O objetivo principal do torneio é de promover a integração de diferentes favelas por meio do esporte e também revelar talentos. Além da Vila do João, a Maré teve outras duas favelas na competição: a Nova Holanda e o Parque União, que mesmo não estando mais no torneio mostrou garra e empenho nos jogos.

FORÇA NA SÉRIE B

Rogério da Costa, coordenador do time da Nova Holanda, já participou de nove edições do campeonato e se diz tarimbado: “Pela eliminação precoce, ano que vem vamos disputar a Série B, mas com mais força.”

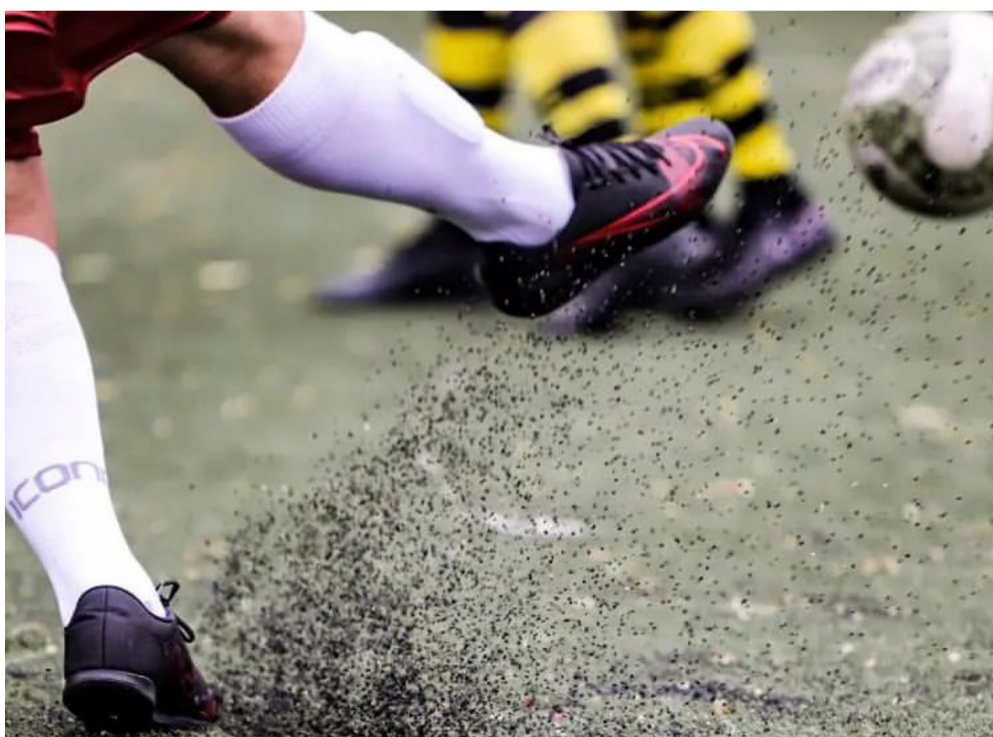
Segundo ele, o que se faz na arquibancada também conta; por isso, “não levo torcida, pois a euforia pode prejudicar, já que baderna e palavrões penalizam o time. Um dos procedimentos da competição é o respeito mútuo. O segredo é ter um grupo unido como se fosse todos de uma família”.

Para Rogério, o desafio é a falta de apoio. “Muitas vezes me sinto só, pois não tenho recurso. O que salva são alguns comerciantes amigos que ajudam com lanches. Seria muito bom oferecer uma cesta básica mensal para cada atleta da equipe, mas muitas vezes não conseguimos nem pagar um refrigerante”, lamenta.

O técnico diz que “outro grande problema é a ausência de um psicólogo. Acabo eu mesmo conversando com os jogadores; minha tristeza é quando um menino se desvia do caminho do bem”.

Rogério sonha alto: ele quer criar um torneio sub-17 na Maré, o que incluiria todas as 16 favelas pelo esporte. Para ele, isso ajudaria a criar uma atmosfera mais pacífica entre os diferentes territórios.

JOSÉ BISMARK



Torneio que acontece há 13 anos e gera valorização dos territórios de favelas



PRAIA DE RAMOS

UMA HISTÓRIA ANTES DO PISCINÃO

Favela cresceu em torno das águas da Baía de Guanabara

HÉLIO EUCLIDES

A Praia de Ramos já foi diversas vezes cantada nos sambas do antigo bloco Boca de Siri, ou citada nas canções de Dicró ou do Bhega. Antes de o nome se tornar recorrente em novelas, programas de TV e videoclipes, o local era conhecido como Mariangu. Em torno da praia nasceu a favela em 1962, originalmente uma comunidade de pescadores.

No seu início, a região era território de criação de caranguejos. Por esse motivo, a praia mais famosa do subúrbio carioca, hoje única da Zona da Leopoldina, aparecia nos mapas antigos como Praia de Apicú (que em tupi significa “brejo de água salgada”) e Mariangu, palavra de origem indígena que significa “mangue”.

Para este último nome há ainda duas versões: uma que o nome se deveu à presença de um pássaro abundante na área da Baía de Guanabara, e outra, por causa de uma antiga moradora chamada Maria, conhecida na região por vender angu à baiana.

O local também se desenvolveu por causa do porto ali construído, por onde era escoada a produção agrícola das

freguesias de Irajá, Inhaúma e até de Campo Grande para o restante da cidade.

POLUIÇÃO E DECLÍNIO

Segundo a pesquisa *Memórias do Subúrbio Carioca*, em 1963 a famosa praia suburbana recebeu um tratamento de dragagem da areia, deixando-a com a cor mais clara, mas a contaminação das águas já começava a preocupar as autoridades sanitárias. Em 1981, o balneário apresentava o maior índice de poluição entre as praias da cidade.

Em abril de 2000, 1,3 milhão de metros cúbicos de óleo e graxa da Refinaria Duque de Caxias foi derramado nas águas da Baía de Guanabara. O desastre ambiental foi considerado como um marco do declínio da atividade pesqueira na área. A comunidade promoveu então um abraço simbólico à praia, reivindicando melhorias socioambientais.

O cantor e compositor **Bhega Silva** foi uma das lideranças comunitárias presentes à organização do abraço: “Tenho até hoje a foto do meu último banho na praia em 1981. É triste o estado da praia poluída,” lamenta o artista.

Ele lembra com carinho da sua infância na favela. “No

tempo de criança íamos de madrugada buscar peixes, que enchiam as redes de tal maneira que os pescadores os distribuía de graça para todo mundo que chegasse. Tenho amor a essa comunidade que é a minha segunda família”, diz.

BOLA DE MEIA

Outro que recorda com carinho o início da favela é **Celso Fernandes**, de 70 anos. Ele morou desde os 11 anos na comunidade Roquete Pinto e em 2001 mudou-se para a Praia de Ramos.

“Não é ser nostálgico, mas o passado foi um período muito bom. Fazíamos bola de meia com barbante e jogávamos na rua. Nadávamos na praia, pulávamos nas palafitas e pescávamos cocorocas, era uma diversão. Também não tinha tantas casas e era comum árvores frutíferas, que aproveitávamos”, lembra.

Celso se lembra de uma Avenida Brasil com apenas duas pistas. “Na frente da comunidade tinha um sinal, onde a antiga linha de ônibus 38, Tiradentes x Brás de Pina, fazia o retorno para acessar o outro lado de Ramos.”

Ele ainda se recorda de como era a diversão dos jo-

vens: “O futebol no campo do Potiguar acontecia perto da empresa Miriam. Ali nasceu muito craque. Os bailes eram outras alegrias. Eles aconteciam na Roquete Pinto, no Zé da Onça, no Clube de Futebol do Cerfa, no Ás de Ouro e no Ramos Social Clube. Foram tempos muito românticos.”

NOVA ERA

Em dezembro de 2001 foi inaugurado um grande lago artificial, batizado pela comunidade de Piscinão de Ramos e oficialmente de Parque Ambiental da Praia de Ramos.

Em 2012, o nome foi mudado para Parque Ambiental da Praia de Ramos Carlos de Oliveira Dicró, em homenagem ao sambista e ilustre frequentador, falecido no mesmo ano.

Com mais de 26 mil metros quadrados, a piscina comporta 30 milhões de litros de água do mar — é a primeira e única no mundo com fundo de areia. Sua água é cristalina porque passa por um complexo sistema de tratamento, o que a torna uma das mais limpas da cidade.

Próxima parada: Vila do João, favela que nasceu em 1982. Até lá!

RECEITA

PUDIM DE TAPIOCA

INGREDIENTES

- 1 Xícara de açúcar refinado
- 200ml Água
- 120ml Leite de coco
- 250g Leite integral
- 500g Tapioca granulada
- 240g Coco ralado fresco
- 1 Ovo
- 1 Lata de leite condensado
- 2 Colheres de manteiga
- 1 Colher de café de sal

MODO DE PREPARO

Calda: Coloque o açúcar e a água em uma panela e leve ao fogo para caramelizar, deixe em fogo brando até que vire uma calda de caramelo.

Pudim: Coloque o leite para ferver em uma panela funda e em fogo baixo.

Assim que levantar fervura, retire do fogo, adicionar a tapioca, mexa até dissolver tudo e não empelotar. Reserve.

Bater no liquidificador o leite de coco, o coco fresco, os ovos, o leite condensado, a manteiga, o sal e a tapioca reservada.

Coloque a calda caramelizada nas formas individuais ou na forma de pudim e despeje a massa de tapioca.

Asse em forno pré aquecido por 180°, por 10 a 15 minutos, em banho maria.

Após assado, coloque lâminas de coco em cima do pudim.



PICOLÉ

www.coquetel.com.br © Revistas COQUETEL

(?) de: embora	Compõe a fauna de um parque ecológico	A mulher, em relação ao marido	Ornamentar (tecido) com fios	Órgão que liga o feto à placenta	Forma popular de "senhor"
→	↓			↓	↓
Tiago e Mateus, em relação a Jesus (Bib.)					
		Saci-(?), ser folclórico			
→			(?) Nobre, cantor e compositor da MPB		
A índole da bruxa (Lit. inf.)		Centro estético		Instituto Militar de Engenharia	Refrigerante de limão
		Tentativa de namoro			↓
			Nilo e Amazonas (Geog.)		
Pequena lasca de madeira	Anísio Teixeira, educador	Som de dor emitido pelo cão		Calado; silencioso	
				De voz áspera	
A capital nacional do surfe (RJ)					
→				Complexo vitamínico contra a anemia	Licença para o comércio
(?) Vargas: foi presidente do Brasil	Senhores de escravos	Cadáver de sarcófagos			↓
		Jóias de noivado			
Salto com (?), prova olímpica			Chamar, em inglês		
			Parte da enxada		
→				Aqui, em espanhol	
Calçado cuja base é de madeira		Espécie de blusa feminina curta		Vogais de "guru"	
Prova de ingresso na faculdade	Serviu de modelo			Naquele lugar; acolá	

BANCO 3/acã — spa./4/amos — call./5/múmia./7/getúlio. 3

EXERCITE SUA MENTE COM

Disponível em bancas de todo o Brasil!

/revistascoquetel @coquetel @editoracoquetel

Solução

V	T	U	O	S	O	W
R	V	T	U	B	I	S
V	C	V	E	V	O	G
A	I	O	C	N	W	T
T	V	C	V	V	V	T
V	I	M	U	M	E	T
B	O	I	T	U	G	S
V	M	E	R	E	S	S
O	U	M	C	V	A	T
S	O	R	I	V	A	F
U	V	P	V	S	M	V
N	U	D	O	T	S	I
E	R	E	R	E	N	S
S	O	L	O	S	T	V
C	B	E	V			



SIGA O CANAL "MARÉ DE NOTÍCIAS" NO WHATSAPP

FALE CONOSCO:
Email: maredenoticias@redesdamare.org.br
Whatsapp: +55 21 97271-9410

REDES SOCIAIS:
Twitter: @maredenoticias
Instagram: @maredenoticias
Facebook: fb.com/maredenoticias

REDAÇÃO MARÉ DE NOTÍCIAS
 Rua Sargento Silva Nunes, 1008A
 Nova Holanda – Maré
Telefone: +55 (21) 3104-3276